

Ministério

Adventista

Mensagem da Cruz

The Old Rugged Cross



ri-giu, De-la o di - a fu-giu,
los céus O Cor-del - ro de Deus,
de-ceu E por mim já mor-rei
Je - sús A ver - go - nha da cru.



ver - go - nha e dôr; Mas eu a - mo es - sa cruz, Por - que ne - la Je - sús
lhan - te bal - xou; E es - sa cruz tem p'ra mim A - tra - ti - vos sem fim,
dar - me o per - dâo; E eu me a - le - gro na cruz - De - la vem gra - ça e luz,
var e so - frer. E - le vem me bus - car, E com E - le no lar,



Côro



or mim, pe - ca - dor.
e me res - ga - tou. } Sim, eu,
un - ti - fi - ca - ção.
a glória hei - de ter.



mor - rer eu a vou pro - cla - mar,



Té por u - ma co
ri - nha cruz





Regras Para o Canto Congregacional

João Wesley

Há cerca de duzentos anos, João Wesley, o grande revivalista escreveu estas "Regras Para o Canto Congregacional". A primeira leitura você achará divertida esta maneira de dizer as coisas. Esperamos, porém, que as leia de novo, e assim descobrirá a verdade que elas contêm.

1. Aprenda estas melodias antes de aprender quaisquer outras; em seguida, aprenda quantas quiser.

2. Cante-as exatamente como se acham impressas aqui, sem alterá-las ou fazer-lhes arranjos de nenhum modo. Se as aprendeu a cantar de outro modo, desaprenda-o o mais depressa que puder.

3. Cante tôdas. Procure unir-se à congregação sempre que puder. Não permita que o menor indício de fraqueza ou cansaço o venha prejudicar. Se isto é uma cruz para você, tome-a e você achará uma bênção.

4. Cante vigorosamente, com grande ânimo. Abstenha-se de cantar se você se sentir meio-morto ou meio-adormecido; contudo erga a voz com fôrça. Não tenha agora receio de sua voz, nem esteja mais envergonhado de ser ouvido, do que quando cantava as canções de Satanás.

5. Cante com modéstia. Não berre, de modo a encobrir o restante da congregação, para não destruir a harmonia, mas

esforce-se por unir as vozes de modo a surtir um som claro e melodioso.

6. Cante no compasso. Qualquer que seja o compasso em que se canta, certifique-se de o estar seguindo bem. Não corra adiante do andamento, nem fique atrás dêle; mas acompanhe de perto as vozes principais, e com elas siga tão exatamente como puder. Tome cuidado de não cantar demasiado lento. Esta maneira arrastada é característica dos preguiçosos; e é alto tempo de eliminar isto de nosso meio, e cantarmos as melodias tão rapidamente como o fazíamos no princípio.

7. Acima de tudo, cante espiritualmente. Tenha um olhar para Deus em cada palavra que cantar. Tenha em vista agradar-lhe mais do que a si mesmo, ou a qualquer outra criatura. Para realizar isto, atente exclusivamente para o sentido daquilo que você estiver cantando, e cuide que seu coração não se entusiasme com a sonoridade, mas tenha-o oferto continuamente a Deus; assim seu cantar será aquilo que o Senhor aprova aqui, e o recompensará quando Ele vier nas nuvens do Céu.



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira

Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Luiz Waldvogel

Redator — Arnaldo B. Christianini

Colaborador especial:

J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 500,00

Número Avulso Cr\$ 85,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00

Número Avulso US\$ 0,35



Ano 27 No. 4

REGRAS PARA O CANTO CONGREGACIONAL 2

ILUSTRAÇÕES

Conversa de Criança 3

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Cantai ao Senhor 4

ARTIGOS GERAIS

O Cântico Evangélico na História 5

A Música no Serviço Religioso 7

A Música e a Congregação 9

Os Hinos Cristãos 10

O Espírito de Profecia e a Música 12

OBRA PASTORAL

Programa Para Uma Vida e Programa para um

Dia 13

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Seis Mil Pessoas Assistem a 274 Batizados no

Brasil 15

Uma Parábola Sobre Evangelismo 16

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOU-

TRINA

Relações da Graça Com a Lei e as Obras 17

MISCELANIA 21

NOTÍCIAS DA IMPRENSA 24

Conversa de Criança

NUM grande transatlântico, certo pastor de renome falava, numa manhã de domingo a respeito das respostas de Deus à oração. Havia no auditório um homem cuja expressão cínica demonstrava claramente a falta de simpatia para com as idéias do orador. Terminado o culto, um amigo abordou-lhe com esta pergunta:

— Que achou do sermão?

— Ora, não passa de uma conversa de criança! — foi a resposta.

À tarde o ministro foi solicitado a falar no alojamento da 3ª. classe, e a maioria de seu auditório da manhã o seguiu. O Cético achou-se só. Cedendo a um impulso, dirigiu-se ao comissário de víveres, e pediu-lhe uma laranja.

— Sirva-se — respondeu, indicando-lhe uma grande tijela.

O cético pôs duas delas no bôlso, e foi perambular nas imediações da multidão que ouvia o ministro. Achava-se lá sentada uma velha senhora, de rosto erguido e olhos fechados, dormindo. Pensando em fazer uma brincadeira, pôs-lhe no colo, mansamente, as laranjas, e saiu um pouco. Posteriormente, voltando onde esteve, viu-a a comer a laranja.

— Está gostando, mamãezinha? — indagou, zombando.

E ela respondeu, delicadamente.

— Oh, eu estava com uma sede incrível devido ao enjôo do mar, precisei sentar-me aqui, e orei para que meu Pai celestial me enviasse uma laranja. Estava adormecida e ao acordar, havia aqui duas no meu colo.

O escarnekedor tornou-se um interessado na mensagem, e encontrou o Salvador — *Illustrations for Preachers and Speakers*, by Keith L. Brooks.

“A voz humana no canto é um dos talentos dados por Deus para ser empregado para Sua glória” — *Evangelismo*, pág. 498.



Cantai ao Senhor

ENOCH DE OLIVEIRA

Durante o sombrio período medieval o silêncio caracterizava o culto oficiado no templo. Os fiéis, meros espectadores, entravam no santuário, persignavam-se reverentemente, e em atitude contemplativa assistiam ao imponente ritual litúrgico. Dentro das arcadas do templo ressoava apenas a voz do sacerdote, ante o taciturno silêncio dos adoradores.

A Reforma, rompendo a tradição medieval, entre outras felizes inovações, introduziu a participação dos fiéis no culto público. Em forma clara e objetiva Lutero definiu o seu conceito de Culto, dizendo: "Deus nos fala por Sua Palavra e nós outros Lhe falamos através da oração e do cântico".

Este conceito inspirou o desejo de divulgar a Bíblia em todos os idiomas e suscitou a necessidade de incluir, no culto, os cânticos de louvores e ações de graça, cantados pela congregação.

Em uma carta escrita por Martin Lutero a John Walter, pastor em Zwickan, encontramos o seguinte parágrafo: "Desejaria ter muitos cânticos, em alemão, que o povo pudesse cantar durante a missa. Porém, não temos poetas, nem músicos alemães — ou não os conhecemos — capacitados a compor cânticos cristãos e espirituais, como os chamava Paulo, de tal valor que possam ser cantados diariamente na casa de Deus". Em outra ocasião, justificando o seu desejo de editar um hinário para a nova igreja, escreveu: "Indiscutivelmente, na Igreja primitiva o povo participava do cântico, mas agora participam somente os sacerdotes e clérigos".

Há nas epístolas paulinas evidências inofismáveis de que nos dias apostólicos o júbilo e gozo dos fiéis eram constantemente expressados em hinos e canções de santo louvor. Exortando os membros da comunidade cristã de Colossos à santidade e ao amor fraternal, disse o apóstolo das nações: "A Palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao

Senhor com graça em vosso coração". (Col. 3:16).

Desafortunadamente, este costume apostólico desapareceu por determinação do Concílio de Laodicéia, celebrado no ano 346. Consoante as decisões deste Concílio a música eclesiástica passaria a ser interpretada exclusivamente pelos clérigos. Dêste modo, durante séculos, os fiéis adoradores estiveram privados do privilégio abençoado de "cantar ao Senhor um cântico novo". (Sal. 98:1).

Entretanto, rebelando-se contra as tradições escolásticas e os procedimentos medievais, Lutero restaurou a participação dos adoradores nos serviços de canto. Em uma de suas cartas escritas a Spalatin, dizia o gênio da Reforma: "Propoño-me da mesma maneira como fizeram os profetas e os primeiros Pais (da Igreja), escrever para o povo alguns hinos e cânticos espirituais, em alemão, para que com a ajuda da música a palavra de Deus possa nêles morar".

Assessorado por alguns destacados hinólogos alemães, êle preparou para a nova igreja um hinário contendo 38 salmos e cânticos. Entre êstes encontramos o célebre hino "Castelo Forte", Marselhesa da Reforma, que, malgrado a passagem dos séculos, continua despertando e inspirando os fiéis, animando-os nas lutas contra as forças do mal.

Quão destacada foi a contribuição dêstes hinos na obra da Reforma!

Os atribulados dias da "Guerra dos Trinta Anos", inspiraram a composição de hinos famosos, nos quais os homens de fé encontravam alento para perseverar na áspera luta pelos imortais princípios da Reforma.

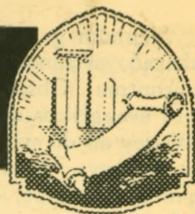
No grande reavivamento dirigido por John Wesley, na Inglaterra, durante o século XVIII, os hinos ocuparam um lugar de notável relevância. Sob a influência inspiradora dos cânticos escritos por Charles Wesley, o mais festejado hinólogo evangélico, as multidões contritas dobravam-se ante Deus, à semelhança de um trigal agitado por um vento impetuoso.

Sim, as gloriosas operações de Deus através dos séculos hão estado associadas com os "salmos, hinos e cânticos espirituais". São atribuídas ao Dr. E. E. Helms as seguintes palavras: "O mundo nasceu com música — 'quando as estrêlas da alva juntas alegremente cantavam'. O mundo foi redimido com música — 'paz na Terra, boa vontade para com os homens'. O mundo terminará com música — 'o cântico de Moisés e do Cordeiro'".

Entretanto, em algumas de nossas igrejas não estamos dando à melodia do canto a merecida importância. Diz a Sra. White: "O canto é uma parte do Culto de Deus, porém na maneira estropiada por que é muitas vêzes conduzido, não é nenhum crédito para a verdade, nenhuma honra para Deus. Deve haver sistema e ordem nisto, da mesma maneira que em qualquer outra parte da obra". — Evangelismo, pág. 506.

Nada nos parece mais deplorável e impróprio que ver um ministro no púlpito, agitado, folheando apressadamente o hinário, em busca de um hino apropriado para a ocasião. Com efeito, os hinos devem ser escolhidos previamente, em con-

(Continua na pág. 23)



O Cântico Evangélico na História

FRANCISCO W. AVERY

Professor de Música no Colégio Missionário Emanuel

SOMENTE os que experimentaram a genuína conversão podem apreciar o êxtase que se deve ter apoderado dos cristãos coríntios na igreja primitiva. A igreja de Corinto havia sido estabelecida recentemente. Os irmãos regozijavam-se em sua nova liberdade das trevas do paganismo, e sentiam o seu "primeiro amor". Muitos dons espirituais acompanharam seu batismo do Espírito Santo, demonstrando o agrado de Deus pelos pecadores arrependidos. Não haviam ainda adquirido prudência, e como consequência, Paulo sentiu a necessidade de admoestá-los aconselhando um pouco de restrição sobre o uso destes dons. Não estavam se portando totalmente à altura de um grupo de pessoas com uma liberdade recém-encontrada; estavam abusando dela.

Na oportunidade de uma das reuniões de Paulo com eles, este lhes disse: "Que fareis, pois irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação." I Cor. 14:26. À luz do contexto, e de outras importantes declarações paulinas, é evidente que, no auge de seu fervor espiritual e entusiasmo, eles levavam àquelas reuniões muitas de suas próprias composições — cânticos que eram compostos trazendo a experiência de seus corações.

Ninguém procurará negar que muitos destes cânticos eram sem valor, falando musicalmente, ou eram nascidos do fanatismo. Mas que algumas composições valiosas e dignas de serem cantadas surgiram do reavivamento apostólico, não padece dúvida à vista do que Paulo afirma em Colossenses 3:16: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração.

Ao passar o tempo e amadurecerem os coríntios, não há dúvida de que muitas senão a maioria destes cânticos inspirados no reavivamento desapareceram. Não é certo que quaisquer destes "cânticos espirituais" tenha sobrevivido. No ano de 1909, o Dr. Rendel Harris trouxe interessante contribuição a este problema, anunciando a descoberta de "um primitivo hinário cristão." Trata-se de uma coleção de "salmos íntimos", datada pelo Dr. Harris do último quartel do primeiro século. Contudo, permanecemos em terreno mais firme, ao considerarmos a essência dos cânticos espirituais, valendo-nos do que Paulo afirma. Muitos eminentes hinólogos concordam que ele estava citando trecho de um destes cânticos em Efésios 5:14:

"Pelo que diz:

Desperta, tu que dormes,
E levanta-te dentre os mortos,
E Cristo te esclarecerá."

Se tal é o caso, quão apropriada é a admoestação contida no verso dezenove: "Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais; cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração."

Não estaremos, então, em terreno seguro, aceitando a experiência corintiana como um modelo dos fatos ligados, de modo geral, com todos os principais reavivamentos e reformas? E a história não atesta que este tem sido o caso? Olhemos para a quantidade de hinos que provieram da Reforma! Sabemos que uma das mais poderosas armas de Lutero eram os cânticos que dava ao povo para cantar. O povo apagava-se a estes hinos e, como o fogo que se espalha nas matas, a mensagem de Deus era levada até mesmo aos portões do Vaticano. Os católicos temiam os cânticos de Lutero quase como temiam suas teses.

Nenhum grande reavivamento espiritual tem deixado os hinos da igreja exatamente como os encontrou. Observemos a poderosa onda de hinos evangélicos que surgiram do movimento de Wesley ou do avivamento promovido por Moody e Sankey. Muitos deles não resistiram a prova do tempo, e foram expurgados. Poucos relativamente permanecem nos hinários de hoje. Podemos, contudo, inferir do conselho do apóstolo Paulo que há um lugar definido, na comunhão cristã, para estes cânticos espirituais. Devemos ter em mente o que o Dr. Luís F. Berven diz a respeito de Paulo:

“Certamente ele não prediz um serviço de louvor para as imponentes basílicas dos tempos de Constantino. Ele está apenas exortando um pequeno grupo de pessoas reunidas num lar humilde para edificação mútua. E no entanto a espécie de canto aqui indicada se torna nada menos que a forma autorizada de hino sacro; e tôdas as teorias hinológicas devem embasar-se neste ponto ou dar-lhe guarida.” — *Hymnody of the Chirstian Church* (Nova York: Doran 1926), pág. 43.

Entendemos da passagem já citada, de Colossenses, que Paulo tinha em mente cânticos espontâneos e espirituais por outra razão. Ele fala de admoestação e ensino por intermédio das avenidas dos “salmos, hinos e cânticos espirituais.” O principal aspecto dêste modo cristão de cantar é seu estrito individualismo. Paulo não está concebendo uma ordenança “que habita no santuário, aguardando até que a congregação se reúna para exercê-lo. . . . É um dom espiritual que cada cristão traz para o santuário e contribui para um cântico comum de associação espiritual.” — *Idem*, pág. 44. Esta é a função especial do cântico evangélico.

O grande movimento do segundo advento está para lançar o maior avanço evangélico de sua história. Do modelo da história aqui apresentada sucintamente, podemos esperar cânticos espirituais paralelos ao derramamento da chuva serôdia. Na gloriosa volta de Cristo, estes cânticos, sem dúvida, serão absorvidos em louvor a nosso Redentor. Até então, terão eles seu lugar e realizarão sua obra peculiar. Em virtude de sua própria natureza, espera-se que sejam mais ou menos efêmeros.

Têm hoje os hinos evangélicos um lugar na

obra de Deus? Nossa resposta depende de nossa atitude para com o evangelismo e os reavivamentos em particular. Certamente os cânticos não exercem virtudes num serviço litúrgico, e por essa razão não são muito cuidados nas igrejas populares. Pela natureza não concorrem para uma aproximação estética da adoração. Dizem mais respeito ao moral, ao ânimo, à experiência cristã, à verdade, à admoestação, e ao apêlo. A espécie de música a ser empregada numa determinada igreja deve ser decidida em face dos objetivos daquela igreja. Os objetivos de nossa igreja determinarão nossa música.

Não é propósito dêste artigo condenar, mas indicar qual, a meu ver, é a devida esfera de cada espécie de música. Certamente há um lugar para os salmos e hinos de louvor, como há um lugar para os cânticos de apêlo, admoestação e testemunho. Hoje em dia, verdadeiro dilúvio de cânticos e coros é derramado sôbre o público. Isto exige critério e discriminação da parte dos dirigentes da música. Não há dúvida de que, por trás de muitos escritos, há mais o interesse do enriquecimento financeiro do que o motivo da edificação espiritual que eles proporcionam. Pequena análise revelará que há hinos que se aproximam muito das músicas usadas em salões de dança. De modo algum o obreiro evangélico se deterá a utilizar-se de tais produções.

Parece ter chegado o tempo em que os mais diretamente interessados — evangelistas e músicos — devem estudar mais a fundo o problema da música em nossas conferências públicas, com o pensamento de estabelecê-la sôbre bases sadias. Sei por experiência que grande número de nossos ministros não sabem de fato discernir entre um hino aceitável e um que não o seja. Devem aprendê-lo a fazer. Por outro lado, muitos músicos não dão lugar algum a cânticos evangélicos ou de reavivamento da nossa mensagem. Até que chegue o tempo de unificação, educação e organização nesse ramo, a tolerância cristã da parte de músicos e ministros ajudarão grandemente e suavizará o avançamento da obra de Deus.

“O canto é um dos meios mais eficazes para gravar a verdade espiritual no coração. Muitas vezes se têm descerrado pelas palavras do canto sagrado, as fontes do arrependimento e da fé.” — *Review and Herald*, 6 de junho de 1912. — *Evangelismo*, pág. 500.

A Música no Serviço Religioso

ANA RUTH LUST

Diretora do Departamento de Música do Colégio do Prata

O DOM da música tem sido concedido ao homem por Deus com o sagrado propósito de "erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a alma." (*Mensagens aos Jovens*, pág. 291).

Através dos séculos, a música tem estado intimamente relacionada com o culto divino. O salmista diz: "Louvai ao Senhor. Louvai a Deus no Seu santuário . . . louvai-O com o saltério e a harpa . . . louvai-O com instrumento de cordas e com órgãos" (Sal. 150:1, 3 e 4).

O canto é conhecido como um dos meios mais eficazes de gravar o amor de Deus em nossas almas. O espírito de profecia nos diz: "Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto como a oração." (*Mensagens aos Jovens*, pág. 290). Isto é aplicável tanto à música vocal como a instrumental.

Quão grande é nossa responsabilidade para com os membros pela música que apresentamos em nossas igrejas! Que espírito de devoção devia acompanhar-nos no canto, assim como em cada nota instrumental para que nosso culto seja agradável a nosso Pai celestial!

Quase toda pessoa possui, em maior ou menor grau, certo ouvido musical. Temos normalmente o sentido de percepção dos sons e nos vamos acostumando aos fundamentos de certas harmonias. O simples fato de que nos agrada certas harmonias e melodias, não nos capacita a apresentá-las ao Criador como oferta de louvor e adoração.

Consideremos o grande conselho: "Cada um deve aperfeiçoar ao máximo os seus talentos". Quem cultiva com amor este precioso dom que nos é dado; quem busca a melhor aprendizagem, sempre irá desenvolvendo o gosto e achará novos e belos horizontes. Seu interesse aumentará, seu gosto se refinará até chegar a sentir amor unicamente pela boa música que edifica a alma e a eleva para o divino. Assim então estará em condições de oferecer ao Senhor em Seu templo a oferta musical em que Se pode comprazer. Temos o dever de oferecer ao Senhor o melhor. O orador deve ser convincente e espiritual, e a música não pode ser menos, já que está à altura da oração em importância.

Nos serviços religiosos do rei Davi, o doce cantor de Israel havia designado um grupo de

levitas, profissionais da música, para tocar instrumentos e cantar. Estes músicos se aperfeiçoavam para serem eficientes em suas responsabilidades. Uma das matérias fundamentais das escolas dos profetas era a música. Como pode sentir-se honrado nosso Pai celestial quando louvamos Seu nome em um instrumento mal tocado, ou mediante um canto deficiente?

Os que tomam parte na música de um serviço religioso devem ser pessoas consagradas ao Senhor para que, ao fundir-se seu espírito com a música, possam contribuir para a salvação de outros.

A música apresentada no serviço religioso deve ser a mais perfeita possível e muito profunda em espiritualidade. O Céu dotou a alguns homens que consagraram sua vida ao estudo, brindando o mundo com música apropriada para nossos cultos. Façamos uso deste material musical para oferecer o melhor ao Senhor. Tenhamos em conta a origem e o motivo de cada composição.

Existem alguns hinos de origem frívola e até há alguns que são tirados de óperas. Isto, certamente, pode desviar a mente do objetivo sagrado. A música de teatro é altamente artística, porém carece de espiritualidade. Saibamos estabelecer a diferença entre uma música e outra. Daí surge a necessidade de pessoas preparadas, a fim de que toda a música apresentada na igreja dignifique os cultos. Um hino de boa harmonia, com boa letra, bem interpretado, de forma simples, sem mudanças de ritmo, pode ser muito eficaz para os serviços da igreja.

O organista ou pianista deve ser muito cuidadoso em não fazer de sua arte uma rotina sentimental. É a música fundamental a que dignifica o serviço religioso. Quantos pianistas se deleitam em fazer soar fortemente o instrumento, empregar tôdas as teclas possíveis para dar colorido, e até em usar ritmos populares! Deve-se isto a que não tenham recebido uma educação musical correta. Não basta ter bom ouvido. Este problema ficaria reduzido ao mínimo se todos os pastôres tivessem uma profunda cultura musical.

O instrumento mais indicado para o culto é o órgão. Através dos tempos, sua harmonia tem elevado a alma do homem em reverência a seu

Criador. Oxalá tôdas as nossas igrejas pudessem possuir um bom órgão! Sem dúvida, outros instrumentos bem tocados podem ajudar na adoração e louvor ao Senhor. Os instrumentos que se usam comumente nos clubes populares não são apropriados para a igreja.

Não resta dúvida de que o acordeão tem sido de ajuda espiritual em pequenas reuniões ao ar livre, porém não é um instrumento para ser usado no templo.

Não permitamos que os que não conhecem a verdade presente tenham normas mais elevadas que as nossas, sem cair no extremo de pensar que o piano é um instrumento condenável porque algumas denominações não o usam. Um bom piano pode substituir em grande parte ao órgão. Cada igreja adventista grande deve possuir um bom piano e um bom órgão. O primeiro corretamente tocado, acompanhará com mais facilidade a certas partes corais, escritas por homens dirigidos pelo Espírito de Deus. Não nos deixemos impressionar por gostos não corretamente cultivados para acompanhar alguma parte artística nos serviços religiosos.

Que digno louvor ao Criador é um cântico formado por membros que sentem o fervoroso desejo de participar dessa maneira nos cultos da igreja! Numa igreja grande deve-se apresentar cada sábado um número coral. A dificuldade não reside na música, que é muito apreciada na casa de Deus, mas no espírito que a mesma encerra e a forma em que é apresentada. Um coral muito simples pode ser tanto ou mais edificante que uma obra que oferece muitas complicações. Em realidade esta última deve ser apresentada em um concerto e não em um serviço religioso.

O ambiente pode facilmente rebaixar nossos princípios e perverter nosso gosto musical. Há quem pense que se o cântico intercalasse música em latim, seria considerado de maior categoria; e se estes números fôsem antigos, ou da Idade Média, seria ainda melhor; ignorando que a música clássica e religiosa proveniente daquela época é somente de compositores católicos.

As composições de Palestrina figuram entre estes números.

Os reformadores protestantes se opuseram firmemente a apresentar tal música em suas igrejas. Tanto Martinho Lutero como outros, afastaram o espírito católico de suas composições para louvar a Deus com singeleza e rica harmonia.

Quero citar alguns parágrafos de eruditos em música, de igrejas protestantes. "Ao introduzir práticas que não estão de acordo com a singeleza da música da religião protestante, os dirigentes têm apresentado seus serviços como num idioma não aceitável e compreensível... Por agradar ao ouvido, querendo fazer melhores apresentações, serviços musicais elaborados pareceram verdadeiramente pobres, comparados com outros simples que apelam ao espírito da natureza do homem. Esta classe de música coral em vez de ser uma ajuda ao serviço da igreja, pode ser um estorvo ao objetivo de nosso culto." — R. B. Daniels.

"Alguns diretores de cântico pensam que se seu programa coral não tivesse algo de latim, seria de pouca hierarquia. Não seria melhor cantar os corais de Bach em Alemão? Seria mais lógico, sendo que Bach foi uma das grandes figuras da música protestante". — H. A. Miller, professor de música do Union College, Lincoln, Nebreska, EE. UU.

Acaso a música católica atrai as almas a nossa verdade? Os que dedicam seu precioso tempo ao aprendizado de coros em latim, estão alimentando sua mente e espírito com o amor do Evangelho?

Oxalá Deus ilumine a todos os diretores de cântico para que encontrem beleza e riqueza na luminosa senda da música que edifica e eleva às gloriosas alturas onde mora nosso Pai celestial. Queira o Senhor ajudar a cada um que tenha responsabilidades musicais em sua igreja a tomar as devidas precauções contra toda exaltação própria. Que a música do serviço religioso seja substancial e cheia de beleza digna para honra e glória de Deus.

"A voz humana que entoar a música de Deus vinda de um coração cheio de reconhecimento e ações de graça, é incomparavelmente mais aprazível a Ele do que a melodia de todos os instrumentos de música já inventados pelas mãos humanas. — Carta, 1892. — Evangelismo, pág. 506.

A Música e a Congregação

HAROLDO A. MILLER

Professor de Música, no *Union College*, Nebraska

TEM-SE dito que o "cantar é ato de adoração como o é a oração." Naturalmente é possível fazer-se interpretação errônea desta simples declaração. O adorar constitui ato individual. Não é alguma coisa que outrem faça por você, e que você a aceite a distância. É uma experiência pessoal e não um reconhecimento da devoção alheia. Por conseguinte, se o cantar deve ser um "ato de adoração", necessariamente requer participação. Não há uma tendência para substituir os números do coral pelo canto congregacional? Em certos lugares é costume proporcionar "música especial" no lugar do segundo hino e do último. A congregação toma parte possivelmente no hino de abertura. Alguns oram por ela, um grupo canta para ela, e o pastor fala a ela. Quando é inevitável que as atividades provenham maiormente do púlpito e da galeria do côro, não seria razoável deixar todos os três hinos à congregação, sendo a escolha feita na base do assunto do sermão da manhã?

Lemos nos Testemunhos:

"O canto não deve ser executado apenas por uns poucos. Todos os presentes devem ser animados a unirem-se no serviço do canto. Há os que têm o dom especial do canto, e há ocasiões em que uma mensagem especial é comunicada apenas por um cântico ou por vários unidos no cantar. A capacidade de cantar é um dom de grande influência, que Deus deseja que todos cultivem e empreguem para a glória de Seu nome." — *Test. for the Church*, Vol. 8, pág. 115 e 116.

Oh, como há cantores que gostam de cantar hinos pesados de grande dificuldade técnica! Isto parece indicar que o cântico não sobe mais próximo do céu do que do telhado da igreja. Você não pode cantar como ato de adoração

salientando o *eu* na execução, da mesma forma que você não pode orar com uma oração previamente preparada para bom efeito retórico. Você talvez pense em quão bela oração pode fazer. Em igual medida, tanto na música como na oração, quem busca admiração ou louvor para o que faz, rouba-lhe a verdadeira devoção ou culto. Deus olha para o coração antes de ouvir a voz da criatura. Não vê o elegante, mas o sincero!

O hino congregacional afina o coração para receber a Palavra, e se o pastor cantar suficientemente suave para ouvir a poderosa onda sonora que vem daqueles que devem ser ajudados, receberá fresca inspiração para um culto mais eficaz. Este ato de cantar todos juntos constitui poderoso agente em fundir a congregação num só coração como numa só voz.

"Embora agradável ao ouvido quando bem executada e eficaz quando as condições são favoráveis, para agitar as emoções do momento, as partes musicais elaboradas parecem ser, de fato, pobres quando comparadas com o canto simples e sincero que apelam para a natureza espiritual do homem, e no qual ele possa tomar parte.

"A música coral ensaiada pode ser coisa agradável em si mesma, mas introduzindo-se de modo forçado onde não caiba, pode tornar-se (longe de ser um auxílio devocional) um obstáculo, e induzir o homem a esquecer-se do verdadeiro objetivo do culto. Que o canto coral agrada os ouvidos das pessoas é muito certo; mas não se deve inferir que o ouvi-la torna as pessoas mais devotas. Mais agradam do que edificam.

"O silêncio não é louvor, e o ouvir o cântico e pensar quão belo ele é, não constitui oração." — *Chapters on Church Music*, R. B. Daniel.

Evitemos qualquer tendência de reduzir a participação ativa da congregação no culto, e guardemo-nos de privá-la dos preciosos benefícios que possuem fruir do cantar hinos.

"Eles [os anjos] se deleitam em ouvir os simples cantos de louvor entoados em tom natural. Os cânticos em que cada palavra é pronunciada claramente, em tom harmonioso, eis os que eles se unem a nós em cantar. Eles tomam o estribilho entoado de coração, com o espírito e o entendimento". — *Manuscrito* 91, 1903. — *Evangelismo*, págs. 510 e 511.

Os Hinos Cristãos

HUGO D. RIFFEL

Estudante de Medicina em Montevideo — Uruguai



PASSARAM-SE já vinte séculos desde que os anjos cantaram para celebrar o nascimento do Salvador, inaugurando assim a era dos hinos cristãos.

A música é uma arte e deve ser considerada como tal, fazendo-se abstração de seus fins, e apresenta no aspecto religioso um efeito utilitário definido. Não significa isto que a música religiosa seja inferior por estar ligada a uma atividade não artística em si, mas que este tipo de música, particularmente os hinos, pelo fato de serem inspirados precisamente nos afetos mais fundos do sentimento humano, podem penetrar mais profundamente na alma e colaborar com eficácia para obter a comunhão com o Ser Supremo.

A origem dos hinos confunde-se com a da religião, pois muito cedo compreenderam os santos homens de Deus a importância da música na adoração e a saudável influência que exerce o cantar hinos fora dos momentos de culto, guiando desta forma a mente para pensamentos elevados, mesmo durante a realização das tarefas mais comuns da vida. São Paulo exorta aos crentes com as seguintes palavras: "talando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais" (Efés. 5:19). Inácio aconselha também aos efésios: "Formai todos um cântico, para que fundindo-se em uma voz, e tomando a nota dominante de Deus possais cantar em uníssono através de Jesus Cristo ao Pai".

Logo porém muda-se a situação e vê-se um notável paralelismo entre o escurecimento espiritual e o olvido dos hinos. Sir Hubert Parry afirma a respeito: "Desde o princípio o espírito da religião cristã foi perfeita e completamente reproduzido em sua música, e até as várias fases por que passou durante muitos séculos acham-se refletidas exatamente na arte que mais de perto representa o aspecto espiritual do homem". (*Evolución del Arte de la Música*, pág. 82).

Não houve reavivamento espiritual na história do cristianismo que prescindisse de sua fase musical, provocando um ressurgimento dos hinos. Não podemos deixar de referir-nos aqui a Lutero, pai do coral, a magnífica forma do hino. Ele tirou a música religiosa do estreito círculo dos entendidos; transformou-a para fazê-la compreensível, natural e agradável, e a entregou ao povo junto com a Bíblia traduzida no idioma nacional: dois legados que selaram seu triunfo como capeão da Reforma.

Ao estudar a história dos hinos cristãos notam-se duas tendências: a salmodia e a hinologia. A primeira favorece o uso exclusivo dos Salmos no culto; a segunda permite e favorece, além dos Salmos, o uso dos hinos. Em geral tem se imposto a hinologia, ainda que não sem lutas e sacrifícios.

Já que pretender fazer uma história dos hinos escapa aos propósitos destas breves considerações, referir-nos-emos somente a três períodos da mesma: Isaac Watts, que introduziu o emprêgo dos hinos na Inglaterra em princípios do século XVIII; os irmãos Wesley, autores e editores de numerosos hinos; e J. B. Cabrera, tenaz lutador espanhol cujo trabalho constitui uma doação muito valiosa a nossos hínarios.

Issac Watts

Isaac Watts nasceu em Southampton, Inglaterra, em 1674. Sua família pertencia ao grupo religioso dos não-conformistas, de modo que ao jovem Isaac estava vedado o acesso às instituições oficiais de ensino. Não obstante estudou particularmente com esmero e constância, chegando a ser ministro de uma igreja independente de Londres.

Em 1712 teve que retirar-se de suas atividades públicas devido a sua saúde precária, indo viver no campo para levar uma vida de tranquilidade e inspiração. Ali vieram à luz muitos de seus hinos, e ali ficou até sua morte, em 1748.

Em sua época predominava de forma absoluta a salmodia, e os fiéis não olhavam com

bons olhos aos hinos, que eram considerados "de composição humana". Watts propôs-se introduzir os hinos nos ofícios religiosos. Apesar dos preconceitos existentes, e graças a sua audácia e a formosura de suas composições, logrou seu propósito, constituindo-se pai da hinologia inglesa.

Entre os 600 hinos que escreveu e que figuram em numerosos hinários, alguns publicados por êle mesmo, destaca-se "Ao Contemplar a Excelsa Cruz", que data de 1707. Escrito em sua juventude para acompanhar o rito da Ceia do Senhor, êste hino tem subsistido através dos séculos graças a sua pureza e simplicidade, além de sua beleza poética e a fiel evocação da morte do Senhor. É tal o seu renome que alguns o consideram como o hino mais perfeito do idioma inglês. A música, chamada Hamburgo, foi composta pelo Dr. Lowell Mason (1792-1872). Baseada em um canto gregoriano muito antigo, concorda exatamente com o espírito do poema, notando-se nela uma singela beleza. Entretanto, em nosso *Hinário Adventista* êste hino aparece com outra melodia, também muito apropriada, escrita por E. S. Widdemer.

Devemos, portanto, a Isaac Watts o grande mérito de haver rompido o preconceito existente contra os hinos e o haver aberto o caminho para a grande legião de compositores de hinos no idioma inglês, cuja tradução para nossos hinários é de grande importância.

Os Irmãos Wesley

Dos 19 irmãos Wesley, 3 escreveram hinos: Carlos, João e Samuel. Carlos e João são conhecidos como os precursores de um despertar religioso ocorrido na Inglaterra durante o século XVII, cujo resultado foi a fundação da Igreja Metodista. Possuidores de uma vasta cultura e de uma profunda experiência cristã, perceberam a importância dos hinos e começaram sua fecunda atividade musical. Publicaram uma série de hinários com poesias próprias ou traduzidas, cujas melodias eram as dos salmos métricos anglicanos, corais luteranos e composições contemporâneas.

Não podemos deixar de mencionar aqui os irmãos Morávios cuja influência sobre os Wesley foi decisiva tanto no religioso como no musical e, tampouco a Watts, que já havia mudado a maneira de pensar dos crentes com respeito aos hinos, o que facilitou a aceitação e difusão dos publicados pelos Wesley.

João foi mais tradutor, recompilador e editor que compositor dos hinos. Começava seus hinários com os seguintes conselhos que não perderam seu valor: "Aprendei êstes hinos; cantai-os co-

mo estão escritos; cantai todo o hino; cantai com entusiasmo; cantai com humildade; cantai com ritmo; sobretudo, cantai com o espírito, pensando em Deus em cada palavra".

Carlos sobressai como compositor. Escreveu mais de 6.000 hinos, entre os quais se destacam: "Carinhoso Salvador" e "Ouvi um Som em Alta Esfera". O primeiro foi publicado em 1740 e a respeito de sua composição, conta-se uma história muito interessante. Estava Carlos Wesley de sua janela contemplando um violento temporal, quando, entre os trovões e as furiosas rajadas do vento, apareceu um passarinho que fugia desesperadamente de uma ave de rapina. O incidente penetrou profundamente o coração de Wesley, que ao estabelecer a feliz comparação com o pecador que acha refúgio em Cristo, escreveu as estrofes dêste hino.

A música de "Carinhoso Salvador" data de 1834 e pertence a Simeão B. Marsh. É muito simples e fácil, e com ela fazem suas primeiras armas os que começam a tocar os hinos. A versão castelhana é de Tomás M. Westrup, que verteu nela tôda a beleza contida no original dêste hino de consolação.

João Batista Cabrera

Cabrera nasceu na Espanha em 1837, e em sua juventude conheceu a verdade evangélica, fugindo para Gibraltar para ali, poder livremente professar sua fé. Permaneceu ali até 1868 vendo como se perseguia, encarcerava e deterrava aos que se atreviam a cruzar a fronteira para pregar o evangelho. Nessa data decretou-se a tolerância para os cultos não católicos da Espanha, o que fêz com que o jovem Cabrera se transferisse imediatamente para Sevilha para ali começar o trabalho. Continuou seu pastorado longo e fecundo 6 anos mais tarde em Madri, onde morreu em 1916.

Semelhante a tantos outros dedicados à sublime tarefa de levar o Evangelho ao povo, Cabrera utilizou para êsse fim o poderoso meio dos hinos, deixando à sua morte, entre outras obras literárias, um livro de *Poesias Religiosas e Morais*. Muitas destas poesias prestam-se para ser cantadas como hinos nas congregações cristãs, segundo o indica o autor. Não se sabe se compôs tôdas as poesias, pois algumas delas são imitações de hinos latinos e ingleses e outras são traduções. Sabe-se porém que ao traduzir pôs tôda sua alma no trabalho, originando-se obras de grande qualidade tanto pelo sentido como pela forma. Ali têm sua origem muitos dos hinos que figuram nos hinários castelhanos. Por isso devemos um especial reconhecimento a êste valente defensor da verdade em lugares muito difíceis, que quis,

O Espírito de Profecia e a Música

Mau Emprego da Música



“A música muitas vezes é pervertida para servir a fins maus, e assim se torna um dos poderes mais sedutores para a tentação.” — *Educação*, pág. 166.

O Devido Emprego da Música

“Corretamente empregada, porém, é um dom precioso de Deus, destinado a erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a alma.” — *Idem*, pág. 166.

“Quantas vezes pelas palavras de um cântico sagrado se descerram na alma as fontes do arrependimento e da fé, da esperança, do amor e da alegria!” — *Idem*, pág. 162.

Sua Importância

“Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto como a oração. Efetivamente, muitos hinos são orações.” — *Idem*, pág. 167.

Suas Virtudes

1. Escudo Contra a Tentação.

“Quantas vezes à alma oprimida duramente e pronta a desesperar, vêm à memória algumas das palavras de Deus — as de um estribilho, há muito esquecido, de um hino da infância — e as tentações perdem o seu poder . . .” — *Idem*, pág. 167.

2. Fortalece a Memória

“Poucos meios há mais eficientes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cânticos.” — *Idem*, pág. 167.

“É um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais.” — *Idem*, pág. 167.

3. Promove a Cultura

“Tem [o canto] o poder para subjugar as naturezas rudes e incultas.” — *Idem*, pág. 167.

4. Aguça o Intelecto

“Tem poder . . . para suscitar pensamentos e despertar simpatia.” — *Idem*, pág. 167.

5. Promove Relações Adequadas na Escola

“Haja canto na escola, e os alunos serão levados para mais perto de Deus, dos professores e uns dos outros.” — *Idem*, pág. 167.

por intermédio dos hinos, comunicar a seus paroquianos a realidade de sua própria experiência cristã.

Podemos mencionar somente alguns hinos de Cabrera, entre eles “Nunca Deus Meu”, que segundo tôdas as evidências é original, como também muitos traduzidos e adaptados como “Santo, Santo, Santo”, “Castelo Forte é Nosso Deus”, “Grato é Contar a História”, “Eu Sou Pecador”, “Ouça”, “Unidos em Espírito”, etc.

Para os que têm interesse neste assunto e desejam aprofundar o tema, queremos recomendar a leitura de dois livros muito interessantes e úteis para compreender melhor a relação existente entre a música e a religião. *Dezenove Séculos de Canto Cristão*, de Eduardo S. Nind e *Música e Religião*, de Brian Wibberley.

“Exibição não é religião nem santificação. Coisa alguma há mais ofensiva aos olhos de Deus, do que uma exibição de música instrumental, quando os que nela tomam parte não são consagrados, não estão fazendo em seu coração melodia para o Senhor. A mais aprazível oferta aos olhos de Deus, é um coração humilhado pela abnegação, pelo tomar a cruz e seguir a Jesus.” — *Evangelismo*, pág. 510.



Programa Para Uma Vida



e

Programa para um dia

JOSÉ TABUENCA

Diretor do Colégio Adventista do Prata

A. PROGRAMA PARA A VIDA

1. O Programa da Vida de Jesus

a. S. Luc. 4:18-21 — Extraordinária síntese do programa de Jesus.

- (1) "O Espírito Santo está sobre Mim." Esta foi a chave de Seu programa. "O Espírito Santo não é um servo, mas um poder que dirige" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 162). Experiência de Ezequiel. *Ezeq.* 3:14 — Triunfou o Espírito Santo.
- (2) Jesus fôra ungido para *proclamar as boas novas*. O mundo dos tempos de Jesus e o de nossos dias, é o mundo de *Ezeq.* 2:10.
- (3) Ungido para curar os quebrantados de coração.
- (4) Ungido para apregoar liberdade aos cativos.
- (5) Ungido para dar vista aos cegos — sanidade.
- (6) Ungido para libertar os quebrantados de coração.
- (7) Ungido para apregoar o tempo da graça e boa vontade.

b. O segredo do poder e do êxito de Jesus no cumprimento do programa de Sua vida foi o Espírito Santo. "E repousará sobre Ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conheci-

mento e de temor do Senhor" (*Isa.* 11:2).

c. Jesus cumpriu plenamente o programa de Sua vida, traçado por Deus e dirigido pelo Espírito Santo. "Consumei a obra que me deste a fazer" (*S. João* 17:4).

2. Nós e o Programa de Vida

- a. Vivemos na hora do Sol poente. Não poderíamos modificar em nada o programa que Jesus seguiu. Agravante: sabemos pelos fatos que "não haverá mais demora" (*Apoc.* 10:6).
- b. Assegurar-nos, em primeiro lugar, que "o Espírito Santo está sobre mim". Que temos sido chamados por Deus, "ungidos por Deus" (*II Cor.* 1:21) e dirigidos por Deus. Que somos constantemente "vivificados pelo Seu Espírito" (*Rom.* 8:11).
- c. Apresentar com urgência as mesmas *boas novas*. Vem a noite. (*S. João* 9:4).
- d. O constante domínio do Espírito nos protegerá diariamente contra o pecado, nos livrará da tentação de dividir nossa atenção e interesses, ou de nos dedicarmos a outras coisas que não seja a promoção do reino de Deus.

B. PROGRAMA PARA CADA DIA

No mesmo devem constar as necessidades e os deveres espirituais do obreiro e seus paroquianos, o que dividimos em oito grupos: devoção pessoal, preparo para o púlpito, organização da igreja, administração da igreja, visitas pessoais, exercício físico, cuidado da

família e descanso.

1. *Devoção Pessoal*

- a. "Tem cuidado de ti mesmo" (1 Tim. 4:16). Esta é a primeira preocupação.
- b. "Se quereis obter os ricos tesouros do Céu, deveis manter secreta comunhão com Deus" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 287).
- c. "Nada há de maior necessidade em nossa obra do que os resultados práticos da comunhão com Deus" (*Idem*, pág. 526).
- d. "Cristo pôs Seus desejos em estrita conformidade com Sua missão" (*Idem*, pág. 116).
- e. "Por ter sido a vida de Jesus uma vida de constante confiança, sustentada pela comunhão contínua, Seu serviço para o Céu foi sem fracasso nem vacilação" (*Idem*, pág. 269).
- f. "O ministro de Cristo deve ser homem de oração e de piedade" (*Idem*, pág. 122).
- g. "Haveremos de encontrar nossa força onde os primeiros discípulos encontraram a sua. Todos perseveravam unânimes em oração e súplicas" (*Idem*, pág. 205).

2. *Preparo Para o Púlpito*

- a. Trabalho duro e estudo hão de ser nosso lema.
- b. Temos que falar às almas em lugar de Deus, e em nome de Cristo.
- c. O púlpito deve arder, não de excitação, mas de poder. "A razão por que tantos de nossos pregadores proferem discursos sem vida e fracos, consiste em permitirem que uma variedade de coisas de natureza mundana ocupem seu tempo e sua atenção" (*Idem*, pág. 287).
- d. Realizemos estudos sistemáticos da Palavra de Deus, do Espírito de Profecia, e de obras que melhorem a qualidade de nosso ministério.
- e. "Antes de subir ao púlpito o pregador deve buscar a Deus em seu gabinete, e pôr-se em íntima relação com Ele" (*Idem*, pág. 185).

3. *Organização da Igreja*

- a. O obreiro é o primeiro responsável.
- b. Elaborar, e a seguir submeter à comissão de sua igreja o programa de evangelismo para todo o ano. Naturalmente inclui as campanhas.
- c. Atribuir a cada membro uma responsabilidade definida. "Cada um deve ter uma parte a desempenhar, alguma carga a levar" (*Idem*, pág. 210).
- d. Uma igreja que não trabalha, dá trabalho a seu pastor. "Uma igreja que não trabalha é uma igreja que não cresce" (*Idem*, pág. 208).
- e. O obreiro que não consegue fazer sua igreja trabalhar, não está dando mais que os primeiros passos para a sua formação.

4. *Administração da Igreja*

- a. Cuide bem para que este aspecto de sua responsabilidade não absorva o criativo. Confie em seus colaboradores e nos membros da comissão.
- b. Mantenha em dia os registros, fichários, cartões, estatísticas, informes, correspondência, etc.
- c. Mantenha um plano regular de reuniões com seus colaboradores (anciãos, diretores de comissões, diretores de departamentos da igreja).
- d. Seja o coordenador geral dos grupos em trabalho, dos departamentos da igreja, da escola e outras responsabilidades.
- e. Cuide de não deixar que se arrastem em seu campo, assuntos alheios a sua missão. Lembremo-nos de Jesus. S. Luc. 12:13 e 14.

5. *Visitas Pastorais*

- a. Para conseguir pregação eficaz, o pastor deve conhecer a cada ovelha pelo nome; as sãs e ativas, e as de "perna quebrada".
- b. "Ao apresentar o pregador sua mensagem do púlpito, sua obra apenas começou. Resta-lhe uma obra pessoal por fazer" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 195).
- c. "Errou em sua vocação aquele que, havendo ingressado no ministério, não está disposto a fazer a obra pessoal que exige o cuidado do rebanho" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 194).

6. *Exercício Físico*

- a. Estimula a circulação, ajuda a digestão, conserva a saúde e produz inúmeras bênçãos para o obreiro, sua família e para a obra.
- b. "As faculdades mentais e morais de alguns de nossos pregadores estão debilitadas pelo comer de maneira imprópria e por falta de exercício físico" (*Idem*, pág. 252).
- c. "Os momentos de repouso . . . não podem substituir o exercício físico diário" (*Idem*, pág. 254).
- d. "Cultivai vosso jardim para manter o organismo apto a funcionar devidamente, e estareis fazendo a obra de Deus como quando celebrais reuniões" (*Idem*, pág. 255).

7. *Cuidado da Família*

- a. Atender carinhosamente a pequena igreja do lar. "... À igreja que está em sua casa" (Fil. 1:2).
- b. Lembremo-nos: "Entra na arca tu, e tonda a tua casa" (Gên. 7:1).
- c. "Nenhuma desculpa tem o pregador para descuidar o círculo interior em favor do círculo maior. O bem-estar espiritual de sua família está diante de tudo" (*Obreiros* (Continua na pág. 16)

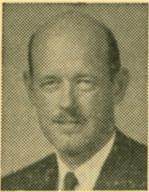
EVANGELISMO - Almas para Deus



Seis Mil Pessoas Assistem a 274 Batizados no Brasil

J. J. AITKEN

Presidente da Divisão Sul-Americana



NO sábado 7 de outubro de 1961, à tarde, ocorreu o maior batismo na história de nossa obra no Brasil.

Na bela piscina olímpica do estádio do Pacaembu, em São Paulo, 274 preciosas almas uniram-se ao Senhor no batismo, oficiado por 24 ministros. A cerimônia atraiu a atenção dos jornais brasileiros, sendo reportada na primeira página de muitos jornais de domingo. O serviço foi organizado graças ao eficiente planejamento de Osvaldo Azevedo, presidente da Associação Paulista, em colaboração com M. S. Nigri, presidente da União Sul-Brasileira. Perto de 6.000 pessoas, no estádio, ao redor da piscina, testemunharam enquanto se cantavam hinos de louvor e glória a Deus, acompanhado por um grande órgão. Belos hinos cristãos enchiam todo este bairro paulistano.

O batismo propriamente dito foi concluído quase 45 minutos após o sermão batismal, muito bem apresentado por Enoch de Oliveira, Secretário Ministerial da União Sul-Brasileira.

Estes são grandes dias para o evangelismo na América do Sul. Agradecemos a Deus especialmente pelo crescimento de Sua obra no Brasil. Os candidatos que se apresentaram neste batismo não tiveram que esperar muitos meses nem foram ajuntados de muitas partes do país. Eram o fluir natural de candidatos exclusivamente na cidade de São Paulo, resultante de constantes esforços evangelísticos levados a efeito por nossos leigos, pastores e evangelistas. Nes-

se mesmo dia outros batismos eram realizados em igrejas menores.

Constituiu belíssima cena os ministros batizarem 24 pessoas simultaneamente, com dignidade e para honra e glória de Deus.

Em meu último relatório, anunciei que tínhamos 7.000 crentes na cidade de S. Paulo, Brasil. Hoje, sou feliz em dizê-lo, já ultrapassamos o alvo de 8.000, com 63 igrejas e grupos nesta pululante cidade de 4,5 milhões de habitantes. Já neste ano a Associação Paulista batizou mais de 1.200 almas. Estamos aguardando 1.800 pelo fim do ano, e bem mais de 4.000 novos crentes batizados na União Sul-Brasileira pelo fim de 1961.

Sejamos gratos a Deus pela operação de Seu Espírito, fazendo Sua obra avançar no Brasil, onde agora alcançamos 65.000 membros. Estas vitórias para Deus não se realizam sem vigilância constante, e a pregação a tempo e fora de tempo.

O evangelismo custa dinheiro, mas éle paga almas ganhas para o reino. A Associação Paulista tinha, para este ano, uma verba de 1,9 milhões de cruzeiros para o evangelismo, mas com o auxílio de Deus, ela já foi levantada entre nosso povo, e aplicaram-se 4 milhões de cruzeiros. Este é o motivo por que, quase em todos os sábados, há uma cerimônia batismal em uma das nossas igrejas em São Paulo.

Oremos nestes dias de incerteza para que Deus possa derramar Seu Espírito sobre toda a carne, para que o espírito do evangelismo que notamos aqui possa contagiar toda a Terra e a obra que Deus nos tem dado para fazer possa logo estar concluída.

Uma Parábola Sobre Evangelismo

ELDEN K. WALTER

Evangelista da Associação do Arizona



CERTO fazendeiro procurava aumentar seus lucros. Observou que as despesas mais pesadas incidiam no plantio das sementes e na colheita da safra. Raciocinou que, suprimindo êstes elevadíssimos gastos, ficaria mais de seu dinheiro no banco. Assim no ano seguinte resolveu deixar os poucos homens da conservação que possuía fazerem a sementeira que pudessem juntamente com os outros deveres regulares. Isto reduziu grandemente a despesa no tempo da semeadura. A seguir pôs em prática o mesmo plano na ocasião da colheita. De nôvo foi enorme a economia.

Quando, porém, se decidiu verificar o rendimento, seu desapontamento foi desolador. A semeadura fôra tão íntima e irregular que pouco havia para colhêr. O trabalho da colheita foi ainda menos eficiente. Com seu tempo limitado, capacidade limitada e equipamento reduzido, os homens da conservação não foram capazes de colhêr totalmente mesmo a pequena produção. Todo o plano se revelou ser tremendo fracasso.

Você dirá, de início, que isto foi uma idéia louca, não dirá? Exato! Mas não caímos também freqüentemente no mesmo êrro em nosso plano para colhêr almas para o reino?

A obra especializada e vigorosa do evangelismo público é dispendiosa. Requer o trabalho de uma equipe adicional. Parece fácil dizer: "Não podemos financiar isto; tentemos fazê-lo sem despesas adicionais."

Contudo a Palavra de Deus está ainda certa: "O que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará" (II Cor. 9:6).

Quando mutilamos a obra do evangelismo público não salvamos coisa alguma — apenas reduzimos a colheita. Não é apenas questão de prejuízo financeiro. Significa que algumas almas jamais serão atingidas com a mensagem da salvação, e dessa forma estarão para sempre perdidas.

Programa Para Uma . . .

(Continuação da pág. 14)

Evangélicos, pág. 215).

- d. "Deve existir na família do pregador uma unidade que pregue um sermão eficaz sobre a piedade prática" (*Idem*, pág. 216).
 - e. "Devemos tomar tempo para fomentar a amizade e companheirismo com a esposa e filhos, e tempo para a recreação com êles."
8. *Descanso*
- a. "Vinde a um lugar à parte, e repousai um pouco" (S. Mar. 6:31).
 - b. A luta causa fadiga, e Satanás aproveita os momentos de cansaço para prevalecer.
 - c. "Ele [Deus] não quer que trabalhem sob pressão ou tensão até ficarmos exaustos, com prostração nervosa. Há necessidade de que os escolhidos obreiros de Deus escutem a ordem de sair à parte e descansar um pouco" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 260).
 - d. "Os necessários períodos de sono e repouso, e bastante exercício físico são essenciais à saúde do corpo e do espírito" (*Idem*, pág. 437).
 - e. O "dia livre" do obreiro é para êle e sua família.
 - f. As férias anuais do obreiro devem ser planejadas para recuperar as energias físicas e mentais, e assim possa retornar ao trabalho com frescor e alegria.
9. *Considerações Finais Sobre o Programa Diário do Obreiro*
- a. Não pode realizar-se em oito horas.
 - b. Um programa diário bem conduzido e flexível, permitir-nos-á desenvolver o plano de trabalho de nossa vida que indubitavelmente deverá aspirar ser semelhante ao programa de vida que Jesus expôs publicamente ao iniciar Seu ministério terreno.
 - c. Devemos cuidar de não realizarmos tanto trabalho exaustivo como tensional.
 - d. Devemos aprender a dependermos mais de Deus e das forças leigas, e menos de nossas forças.
 - e. Devemos lembrar-nos diariamente que "Cristo subordinou tudo à obra que viera realizar neste mundo" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 116).
 - f. Devemos nos lembrar de que "onde estão em jôgo as almas, onde estão envolvidas coisas eternas, o interêsse não pode dividir-se sem perigo" (*Idem*, pág. 528).
 - g. E finalmente, que a elaboração de um plano de ação anual e diário nos aliviará de tensões, improvisações, dando continuidade à nossa obra.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Relação da Graça. Com a Lei e as Obras

(Original inglês de pág. 135 a 145)

Pergunta 14

Admite-se geralmente que os adventistas ensinam que a salvação é pela graça de Deus — mas acrescentando as obras da lei. Qual é o exato conceito adventista da relação da graça com a lei e as obras? A ênfase que a Sra. White põe na necessidade das obras e da obediência não é maior do que a posta na abundante graça salvadora de Deus?

Tem havido lamentáveis mal-entendidos no que tange ao nosso ensino sôbre a graça, lei e obras, e suas relações. De acôrdo com a crença adventista do sétimo dia, não há nem pode haver salvação pela lei ou pelas obras humanas da lei, mas unicamente pela graça de Deus. Para nós, êste princípio é básico. Esta transcendente provisão da graça de Deus é destacada tanto no Velho como no Nôvo Testamento, embora a verdade da maravilhosa graça divina alcance sua mais ampla revelação e sua completa manifestação nos tempos e no registro do Nôvo Testamento.

I. Primazia da Graça no Nôvo Testamento

A palavra “graça” (grego, *charis*), ocorre perto de 150 vêzes no Nôvo Testamento. Paulo emprega êste têrmo significativo mais do que qualquer outro escritor neotestamentário, havendo 100 ocorrências dêle em suas epístolas. Lucas, seu companheiro íntimo, empregou a palavra cêrca de 25 vêzes em seu Evangelho e nos Atos — somando a cinco sextos de todo o Nôvo Testamento o emprêgo que ambos fazem. “Graça” de modo algum foi uma palavra inventada pelos apóstolos; era amplamente empregada numa variedade de significados afins na versão dos LXX e na posterior literatura grega clássica. O Nôvo Testamento, contudo, parece emprestar-lhe significado não encontrado em outra parte.

No Nôvo Testamento, graça é apresentada como uma qualidade privativa de Deus. Os es-

critores neotestamentários falam da “graça de nosso Deus” (Judas 4); “a graça de Cristo” (Gál. 1:6); “a graça de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gál. 6:18). Expressões como estas constituem saudações de abertura e encerramento nas cartas dos apóstolos. São encontradas no início de ambas as cartas de Pedro, bem como nas catorze epístolas do apóstolo Paulo. Aparecem também no fêcho destas cartas de conselho e reanimação espirituais.

Esta graça divina é a seguir descrita por uma porção de adjetivos e advérbios notáveis. É denominada a “*verdadeira* graça de Deus” (I S. Ped. 5:12); graça *abundante* (II Cor. 4:15); “a *multiforme* graça de Deus” (I S. Ped. 4:10); a graça que *basta* (II Cor. 12:9); “a *excelente* graça de Deus” (II Cor. 9:14). Há também a expressão “graça por graça” (S. João 1:16); e referência a Cristo Jesus nosso Senhor como sendo “cheio de graça e de verdade” (S. João 1:14; comparar com o verso 17). É também o “dom gratuito” de Deus (Rom. 5:15, 18).

II. A Definição ou Descrição Bíblica da Graça

O sentido distintivo dado ao têrmo “graça” no Nôvo Testamento, e especialmente nos escritos de Paulo, é o do abundante e salvador amor divino para com os pecadores, revelado em Jesus Cristo. Certamente, desde que todos os homens pecaram e se acham destituídos da glória de Deus (Rom. 3:23), êste favor e amorosa simpatia da parte de Deus são outorgados totalmente sem nenhum mérito da parte do homem pecador. Êste tem vivido em oposição e rebelião contra Deus (Rom. 1:21, 31 e 32), pervertido Sua verdade (versos 18 e 25), preferido adorar animais e répteis (verso 23), profanado Sua imagem no próprio corpo (versos 24-27), blasfemado Seu nome (Rom. 2:24), e mesmo injuriado a

Deus pela Sua paciência e tolerância (verso 4). Finalmente, assassinaram-Lhe o Filho, enviado para salvá-los (Atos 7:52). Contudo, Deus continuou a considerar o homem com amor e bondade, para que a revelação de Sua bondade possa levá-lo ao arrependimento (Rom. 2:4).

Esta é a graça de Deus e seu peculiar sentido neotestamentário. É o ilimitado, todo-abrangente e transformador amor divino para com homens e mulheres pecadores; e as boas-novas desta graça, reveladas em Cristo Jesus são “o poder de Deus para a salvação” (Rom. 1:16). Não é apenas a misericórdia de Deus e Sua disposição de perdoar, mas também um ativo, energético e transformante poder de salvar. Dessa forma, êle pode encher uma pessoa (S. João 1:14), pode ser dado (Rom. 12:3 e 6), é todo-suficiente (II Cor. 12:9; comparar com Rom. 5:20), êle reina (Rom. 5:21), ensina (Tito 2:11 e 12), fortifica o coração (Heb. 13:9). Em alguns casos “graça” parece equivaler a “evangelho” (Col. 1:6) e à operação de Deus de modo geral (Atos 11:23; I S. Ped. 5:12). Escreveu Ellen G. White:

A graça divina, eis o grande elemento do poder salvador. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 70.

Cristo deu a vida a fim de tornar possível ao homem o ser restaurado à imagem de Deus. É o poder de Sua oração que une os homens na obediência da verdade. — *Conselhos aos Professores*, pág. 223.

A “graça de Deus” tem sido, com justeza, denominada o “amor de Deus”; isto é, amor, não tanto no sentido geral mas em sentido especial; não apenas amor comum, mas amor num sentido orientador. Graça é o amor de Deus fluindo — fluindo não *para cima* ou *para fora*, mas *para baixo*. É aquela misericórdia divina e favor imerecido que fluem do grande coração amável de Deus. E é especialmente Seu amor que flui para baixo, procedente do Céu para os pecadores cá na Terra, os quais não têm nenhum mérito. Conquanto nada merecendo a não ser a ira de Deus, tornamo-nos, através desta graça maravilhosa, recipientes dêste amor, desta graça, a que de modo algum teríamos direito.

III. Que Diz Ellen G. White Sobre a Soberania de Deus

No que tange aos mal-interpretados ensinamentos de Ellen G. White a respeito da relação existente entre a graça, a lei e as obras, observemos as seguintes expressões, escritas em 1905. Seus escritos se acham em vigorosa harmonia com as Escrituras, bem como a sã teologia histórica:

A graça é um atributo de Deus, exercido para com as indignas criaturas humanas. Não a buscamos, porém ela foi enviada a procurar-nos. Deus Se regozija de conceder-nos Sua graça, não porque somos dignos, mas porque somos tão completamente indignos. Nosso único direito a Sua misericórdia, é a nossa grande necessidade. — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 161.

Mais do que isso, a mesma escritora acrescenta que tudo quanto desfrutamos, nas incom-

paráveis bênçãos da salvação, nos vem por meio da graça de Deus. Assim:

Tudo devemos à graça, abundante graça, graça soberana. A graça no concêrto ordenou nossa adoção. A graça no Salvador, efetuou nossa redenção, regeneração a adoção a coherdeiros de Cristo. — *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, pág. 506.

Reconhecidas autoridades em Teologia declaram estas mesmas verdades da mesma maneira. Carlos Hodge, ex-professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Princeton, declarou:

A palavra [*charis*, “graça”]... significa uma disposição favorável ou sentimento bondoso; e especialmente amor como é exercido para com um inferior, dependente ou indigno. Isto é representado como o atributo corador da natureza divina. Declara-se ser esta manifestação o grande fim de todo o plano da redenção. ... Ele [Deus] ressuscita homens da morte espiritual, “e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus, para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas de Sua graça.” (Efés. 2:6 e 7). Por isso freqüentemente se afirma que a salvação é de graça. O Evangelho é um sistema de graça. Todas as suas bênçãos são concedidas gratuitamente; tudo se acha ordenado de modo que em cada passo do processo evolutivo da redenção e sua consumação, a graça ou amor imerecido da parte de Deus, é estendida de modo proeminente. Nada é dado ou prometido no terreno do mérito. Tudo é favor imerecido. Essa salvação assim providenciada, é matéria de graça e não de dívida. — *Systematic Theology* (1871), Vol. 2, pág. 654.

Os Adventistas Concordam Plenamente com Esta Declaração

IV. A Fluição Desta Graça Divina

Muitas e variadas são as manifestações da graça divina. Nosso Pai celestial é chamado “O Deus de toda a graça” (I S. Ped. 5:10). Podemos fazer “agravo ao Espírito da graça” (Heb. 10:29). “Temos redenção... segundo as riquezas de Sua graça” (Efés. 1:7). Devemos pregar “o Evangelho da graça de Deus” (Atos 20:24) e a “palavra de Sua graça” (Atos 14:3). Somos também “eleitos” pela graça (Rom. 11:5).

Tudo que desfrutamos na experiência cristã nos vem devido à incomparável graça de Deus. Somos “chamados... pela Sua graça” (Gál. 1:15). “Cremos” pela graça (Atos 18:27). Fomos “justificados pela Sua graça” (Tito 3:7). Paulo podia dizer: “Pela graça de Deus, sou o que sou” (I Cor. 15:10). Somos também salvos pela Sua graça (Efés. 2:5 e 8).

A graça divina nos confere posição original e segura diante de Deus. Devemos “continuar na graça de Deus” (Atos 13:43) e “crescer na graça... de nosso Senhor” (II S. Ped. 3:18). Ao fazermos isso, permaneceremos na graça de Deus. (Rom. 5:2).

Dessa forma, é unicamente a graça de Cristo que pode salvar a alma; ela exclusivamente pode erguer o homem caído das profundezas da degradação e do pecado. O Testemunho de Ellen G. White sobre êste ponto é claro e invariável:

A graça divina, eis o grande elemento do poder sal-

vador; sem ela, todo o esforço humano é inútil. — *Conselhos aos Professores*, pág. 487.

Cristo Se compraz em tomar o material aparentemente sem esperança — Aquêles a quem Satanás tem aviltado e por meio de quem tem operado — e torná-los súditos de Sua graça. — *Testemonies for the Church*, (1882), Vol. 6, pág. 308.

Além disso, escreveu ela que é também a graça de Deus que nos impede de cair, habilitando-nos a permanecermos firmes e fiéis ao chamado divino.

Há unicamente um poder que nos pode tanto tornar-nos firmes como manter-nos na firmeza: a graça de Deus, em verdade. Aquêles que confiar em outra coisa, já está vacilando, prestes a cair. — *Idem* (1902), Vol. 7, pág. 189.

E ainda é a graça divina, manifestada na vida dos filhos de Deus, o maior argumento da verdade e do poder da fé cristã.

Pelo poder da Sua graça manifestado na transformação do caráter, ao mundo será convencido de que Deus enviou Seu Filho como Redentor. — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 419.

E quando finalmente os remidos circundarem o trono de Deus, isto ocorrerá pela maravilhosa graça divina.

Se durante esta vida forem leis a Deus, afinal “verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome.” Apoc. 22:4. E qual é a felicidade do Céu, senão ver a Deus? Que maior alegria poderia sobrevir ao pecador salvo pela graça de Cristo do que contemplar o rosto de Deus, e conhecê-Lo como Pai? — *Idem*, pág. 421.

A Relação da Graça com as Obras

A salvação não se realiza agora, nem jamais se realizou, pela lei ou pelas obras; ela é unicamente pela graça de Cristo. Além disso, jamais houve tempo, no plano de Deus em que a salvação fôsse por quaisquer obras ou esforços humano. Nada do que o homem possa fazer, ou tenha feito, pode de algum modo *merecer* a salvação.

Conquanto as obras não constituam meio de salvação, as boas obras são o resultado inevitável dela. Contudo, estas boas obras são possíveis somente para o filho de Deus cuja vida se ache intimamente unida ao Espírito de Deus, e operada por Ele. É para êsses crentes que João escreve ao ordenar-lhes que guardem os mandamentos de Deus (I Jo. 3:22-24; 5:2 e 3). Esta relação e sua seqüência constituem um imperativo, mas são freqüentemente mal entendidas ou torcidas.

Mesmo nos dias da antiguidade, os homens não eram justificados pelas obras; eram-no pela fé. Assim escreveu o profeta Habacuque: “O justo pela sua fé viverá” (Hab. 2:4; comparar com Rom. 1:17; Gál. 3:8 e 11; Fil. 3:9; Heb. 10:38). Deus convoca os homens a se tornarem justos; contudo o homem é, por natureza, injusto. Se êle se deve preparar para o reino de Deus, terá que tornar-se justo. Isto é alguma coisa que o homem não pode fazer por si mesmo, pois é imundo e injusto. Quanto mais trabalha neste sentido e quanto maiores seus esforços, tanto mais revela a iniqui-

dade de seu coração. Por conseguinte, se o homem deve, de alguma forma, tornar-se justo, terá que ser por um poder fora de si — e o será pelo poder de Deus.

Não há de fato nenhum conflito consistente entre a graça e a lei — os Dez Mandamentos; cada qual serve a um objetivo especial no plano de Deus. A graça, como tal, não é oposta à lei, a qual é a divina norma de justiça; tampouco é a lei oposta à graça. Cada qual tem funções específicas, e não interferem na função da outra.

Uma coisa é certa: o homem não se pode salvar por qualquer esforço próprio. Cremos profundamente que nenhumas obras da lei, ou ações legais, nenhum esforço embora louvável, nenhuma boa ação — possam as obras serem muitas ou poucas, mesmo feitas com sacrifício — nenhuma pode, de qualquer modo, justificar o pecador (Tito 3:5; Rom. 3:20). A salvação é totalmente de graça; é o dom de Deus (Rom. 4:4 e 5; Efés. 2:8).

No princípio, o homem fôra criado reto (Ecl. 7:29). Não havia nenhuma nódoa de pecado nêle ao proceder das mãos de seu Criador. Fôra criado à imagem de Deus, e seu caráter achava-se em harmonia com os princípios da santa lei de Deus. Agora, por meio do evangelho, Deus tem o propósito de restaurar no homem a perdida imagem divina. Originalmente era o homem sem pecado; agora é pecador. Quando, porém, o evangelho da graça de Deus realiza sua obra no coração dêle, êle é revestido com as vestes da justiça de Cristo. Essa justiça lhe é *imputada*, e êle é justificado. Ela lhe é *comunicada* em santificação. E por meio de Cristo — e exclusivamente por Ele — o homem será Seu, e Seu para sempre, em glorificação.

Há, porém, perigos contra os quais os filhos de Deus necessitam guardar-se. E isso também tem sido vigorosamente declarado por Ellen G. White:

Há dois erros contra os quais os filhos de Deus — particularmente os que só há pouco vieram a confiar em Sua graça — devem, especialmente, precaver-se. O primeiro . . . é o de tomar em consideração as suas próprias obras, confiando em qualquer coisa que possam fazer, a fim de pôr-se em harmonia com Deus. Aquêles que procura tornar-se santo por suas próprias obras, guardando a lei, tenta o impossível. Tudo que o homem possa fazer sem Cristo, está poluído de egoísmo e pecado. É unicamente a graça de Cristo, pela fé, que nos pode tornar santos.

O erro oposto e não menos perigoso é o de que a crença em Cristo isente o homem da observância da lei de Deus; que, visto como só pela fé é que nos tornamos participantes da graça de Cristo, nossas obras nada têm que ver com nossa redenção.

Mas notai aqui que a obediência não é mera aquiescência externa, mas sim o serviço de amor. A lei de Deus é uma expressão de Sua própria natureza; é uma corporificação do grande princípio do amor, sendo, daí, o fundamento de Seu governo no Céu e na Terra. Se nosso coração é renovado à semelhança de Deus, se o amor divino é implantado na alma, não será então praticada na vida a lei de Deus? Implantado no coração o princípio do amor, renovado o homem segundo a imagem d'Aquêle que o criou, cumpre-se a promessa do novo concerto: “Porei as Minhas leis em seus corações, e as es-

creverei em seus entendimentos." E se a lei está escrita no coração, não moldará ela a vida? A obediência — nosso serviço e aliança de amor — é o verdadeiro sinal de discípulo. — *Vereda de Cristo* (ed. de bolso), págs. 57 e 58.

O Senhor não espera agora menos da alma, do que esperava do homem no Paraíso, obediência perfeita, justiça irrepreensível. A exigência sob o pacto da graça é tão ampla quanto os requisitos ditados no Eden — harmonia com a lei de Deus, que é santa, justa e boa. — *Parábolas de Jesus*, pág. 391.

O Sr. Ray C. Stedman, na edição de setembro de 1953, da publicação *Our Hope* apresentou de modo impressionante a relação da graça com a lei e alguns mal-entendidos comuns:

Se hoje a pergunta "É a lei oposta à graça?" fôsse formulada a um grupo representativo de crentes evangélicos, a resposta seria, em muitos casos, um enfático "Sim". Mesmo um seletivo grupo de estudantes de seminários e institutos bíblicos conservadores provavelmente fariam uma forte afirmativa a esta pergunta. Mas estariam errados! A despeito de arregalarem os olhos de espanto diante desta declaração, permanece o fato de que, bíblica e teologicamente, estão redondamente enganados.

É fácil entender por que, por outro lado, cristãos bem esclarecidos se acham confusos neste assunto. Nenhuma tecla teológica é hoje mais fortemente batida do que essa da lei contra a graça. Nenhuma questão é mais claramente descrita do que essa que separa o campo dos legalistas, dos adeptos da graça. E isto, naturalmente, está bem correto. O que comumente é passado por alto e pouco compreendido é o atual conflito entre lei e graça é que *a questão não reside nestes dois princípios, como tais, mas entre o abuso da lei, de um lado, e da graça, de outro.*

Pondo o assunto em seu devido lugar, somente quando a lei é feita um meio de salvação ou de restringir o pecado, entra ela em choque com os princípios da graça. Em qualquer outro sentido, ambas são complementares e nunca entram em conflito. A lei, porém, jamais foi destinada a salvar. Em seu princípio essencial não é, jamais pode ser oposta à graça, porque ambas operam em campos distintamente separados e para propósitos amplamente diversos. *A lei destina-se a revelar o pecado; a graça destina-se a salvar do pecado.* Nenhum conflito pode existir entre ambas.

A diferença não reside em mandamentos da lei contra a vida sob a graça livre dos mandamentos, pois o fato é que a graça tem também os seus mandamentos! Os que sempre associam a palavra "mandamento" com a palavra "lei" deixaram de ler a Bíblia com exatidão. Afinal de contas, mandamento é apenas a expressão de um desejo da parte de alguém que tenha autoridade. Se Cristo é Senhor de nossa vida, então tem Ele autoridade

em nossa vida e Seus pedidos se tornam mandamentos para todos os que O amam. Estes são os *mandamentos da graça*. A diferença entre estes e os mandamentos da lei reside no motivo. *Por que alguém obedece a lei? Por temor! Por que alguém obedece um mandamento da graça? Por amor!* Ai reside a diferença. O mandamento pode ser o mesmo em ambos os casos; o motivo somente difere. O que tornava a lei aborrecível era o senso de restrição que ela gerava. Éramos instados a fazer aquilo que realmente não desejávamos fazer. O mesmo mandamento, na relação da graça, consegue de nós pronta e disposta obediência porque amamos Aquê-lo que nos pede isso. O senso de restrição foi totalmente abolido.

Que aconteceu, então, quando a graça superou a lei? Mudou o desejo de Deus para com o homem, como se achava expresso na lei? Não; foi mesmo intensificado, tornou-se interior em vez de meramente exterior. *O que, então, mudou? O motivo do coração humano!* Outrora, em vão nos esforçávamos por obedecer uma lei justa, fustigados pelos nossos temores da ira por vir. Agora, como crentes em Cristo, permaneceremos diante de Deus na perfeita justiça de Cristo e, porque amamos Aquê-lo que nos amou primeiro, procuramos agradar-Lhe — alguma coisa em que achamos grande prazer em fazer — *e assim, inconscientemente, cumprimos a lei.* "Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enfêrma pela carne, Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito" (Rom. 8:3 e 4). A última sentença é descritiva do que a graça nos leva a fazer. (Grifos supridos).

Esta declaração da posição adventista pode ser bem concluída com a seguinte admoestação de Ellen G. White à nossa igreja:

Cristo está pleiteando em favor da igreja nas côrtes celestiais, pleiteando em favor daqueles por quem Ele pagou o preço da redenção com Seu próprio sangue. Os séculos, as idades, jamais podem diminuir a eficácia deste sacrifício expiatório. A mensagem do evangelho de Sua graça deveria ser transmitida à igreja em linhas claras e distintas, para que o mundo não mais diga que os adventistas do sétimo dia falam da lei, só da lei, mas não ensinam ou creem em Cristo. — *Testimonies to Ministers*, pág. 92.

Um poeta cristão disse com acêrto:

Eu não trabalho pra salvar minha alma,
porque isso já o fêz o meu Senhor;
mas trabalho como o faz o escravo,
pelo amor do amado Filho de Deus.

"Pode-se fazer grande aperfeiçoamento no canto. Pensam alguns que, quanto mais alto cantarem, tanto mais música fazem; barulho, porém, não é música. O bom canto é como a música dos pássaros — dominado e melodioso." — *Evangelismo*, pág. 510. "O alvorecer encontra-O [Jesus] muitas vêzes em algum lugar retirado, meditando, examinando as Escrituras, ou em oração. Com cânticos saudava a luz matinal. Com hinos de gratidão alegrava Suas horas de labor, e levava a alegria celeste ao cansado e ao abatido" — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 42. (1905) — *Idem*, págs. 498 e 499.

Miscelânea

ARNALDO B. CHRISTIANINI

Redator de O MINISTÉRIO ADVENTISTA



A Sessão Espírita de En-Dor

HOUVE tempo em que o espiritismo combatia tenazmente as Escrituras Sagradas, procurando, com subtilezas dialéticas, minimizar-lhes a autoridade em matéria religiosa. Hoje, no entanto, percebendo o prestígio irremovível e crescente do Livro Santo, procura êle encaixar-se na Bíblia como um micróbio num organismo são. E um dos passos escriturísticos muito citado, em abono da tese espírita, é o relato da consulta de Saul à feiticeira de En-Dor. Insistem os corifeus do espiritismo que Samuel apareceu em espírito naquela sessão de invocação, conforme o registo de I Samuel 28:7-19. E conclui que “queremos à viva fôrça demonstrar que Samuel era espírito das trevas, espírito êsse que, apesar dessa sua qualidade, teria dito: ‘Já que não obedeceste à voz do Senhor ... (verso 18). Esquisito êsse falar se partisse de veras de um espírito maligno! Não vos parece também? Pergunto agora: Qual o critério a adotar para discernir os espíritos? Seria pela figura que se apresentam, ou por suas palavras e atos?’”

Equivoca-se o espiritismo em dizer que queremos à *viva fôrça* demonstrar que o Samuel que se apresentou à necromante de En-Dor, há 2.900 anos, era um espírito da legião do arquienganador. Não somos nós quem quer prová-lo. É a própria Bíblia que nos dá os indícios inequívocos do embuste. E o fato de o suposto Samuel ter dito: “Já que não obedeceste à voz do Senhor ...” nada prova em favor da legitimidade da aparição de Samuel. E nem ficamos espantados com isso, pois a própria Bíblia afirma categoricamente que isso “não é de admirar, porque o próprio Satanás se transfigurou em anjo de luz” e que “os seus próprios enviados se transfiguraram em enviados de justiça.” II Cor. 11:14 e 15. É importante reler e reter êsses versículos. É muito lógico que quem

se apresenta como “anjo de luz”, não o sendo, e como “emissário de justiça”, não o sendo, deverá necessariamente ter uma linguagem de respeitabilidade à altura do personagem que simulou. Do contrário não conseguiria seus objetivos ...

Sim, aquêlo espírito das trevas em En-Dor pronunciou várias vêzes o nome de Deus. Diz a Bíblia que os demônios (ou espíritos imundos) “crêem em Deus e estremecem” (S. Tiago 2:19). Certa vez um demônio (ou espírito das trevas) disse a Jesus: “Bem sei quem és: és o Santo de Deus” (S. Mat. 1:24). Outro espírito maligno disse: “... Jesus, Filho de Deus Altíssimo” (S. Mat. 5:7). Sim, os espíritos maus, às vêzes, dizem belas verdades. Houve um (Atos 16:16 e 17) que disse esta verdade maravilhosa: “Êstes homens [Paulo e Barnabé] que vos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo”. Apesar desta grande verdade, o tal espírito das trevas foi expulso sumariamente. Outro espírito maligno disse: “Conheço a Jesus ...” (Atos 19:15).

Donde se conclui, que não se deve ir pela “conversa” de quem se apresenta ...

Sim, Satanás, o chefe dos espíritos imundos, às vêzes fala até pela bôca de nossos amigos mais chegados (S. Mat. 16:22 e 23), assume forma humana e fala diretamente (S. Mat. 4:1-11), e chega a citar as Escrituras (S. Mat. 4:16).

Aquêlo “Samuel” que “falou” no sombrio ca-bre de En-Dor, era, de fato, um espírito das trevas. E há ainda o seguinte: se eu fôsse espírita, teria motivos sérios para desconfiar dêsse “Samuel”. O próprio ensino espírita me poria em guarda contra essa pretensa entidade do outro mundo que iludiu a Saul. Na longa introdução ao “Livro dos Espíritos”, o Sr. Allan

Kardec — chamado o codificador do espiritismo — diz algumas coisas interessantes sobre a identidade dos espíritos. Eis algumas de suas expressões: "... os Espíritos inferiores se adornam muitas vezes com os nomes mais conhecidos e venerados. Quem pode, pois, assegurar-nos que aqueles que dizem ter sido Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fenelon, Napoleão, Washington, etc., tenham realmente animado os corpos destes personagens?"

Ora, se eu fôsse espírita, isso me faria pensar muito. E noutra lugar, diz o codificador: "... se às vezes nos dizem coisas boas e VERDADEIRAS, na maioria dos casos só proferem falsidades e absurdos ...". E ainda à pág. 26 da edição que tenho há este trecho, referindo-se aos espíritos: "muitas vezes adotam nomes venerandos para melhor nos levarem ao erro". Isto foi exato no caso de Saul. No "O Livro dos Médiuns" — outra obra básica do espiritismo — no capítulo 24 há esse trecho: "Dirão sem dúvida que, se um espírito pode imitar qualquer assinatura, PODE TAMBÉM IMITAR A LINGUAGEM. ASSIM É. Vimos alguns que utilizavam com descaramento o nome de Cristo, e para iludir melhor, simulavam o estilo evangélico, prodigalizando a torto e a direito as palavras bem conhecidas: 'Em verdade, em verdade vos digo'". Ainda no citado livro, pág. 273, lemos: "Quanto mais venerável fôr o nome com que um espírito se apresente, tanto maior desconfiança deve inspirar ...". Estas são as advertências do codificador! E adiante conclui: "Não se deve tomar ao pé da letra tudo o que dizem". (Grifos, versais e versaletes supridos.)

Basta. Sumariando estas importantes admistões espíritas, vemos que: (1) é freqüente a simulação nas manifestações de espíritos; (2) que os espíritos inferiores, ao simularem, falam coisas boas e até verdadeiras; (3) que imitam com perfeição a voz e a linguagem da pessoa que dizem ser, e (4) que não devemos aceitar como legítimas essas palavras ...

Aí está o que se pode, com propriedade, aplicar ao incidente de En-Dor. Agora, vamos analisá-lo para ver o embuste. Primeiramente consideremos as pessoas envolvidas no incidente: Samuel, o profeta de Deus; Saul, o rei ímpio e rejeitado; a feiticeira proscrita e fora da lei, e a aparição que se apresentou como Samuel.

Samuel, o Profeta de Deus

Este servo de Jeová, em cumprimento a ordens divinas, recriminara Saul. E nessa reprimenda, definiu êle que a necromancia (prática de evocar mortos) era um pecado gravíssimo, altamente ofensivo a Deus! I Sam. 15:22. Ora, Samuel não se prestaria a animar com sua presença uma prática pecaminosa que êle próprio

condenara com tanta veemência. Não é claro, amigo? Samuel não era ignorante sobre o assunto. Sabia que Deus ordenara a morte aos necromantes. Lev. 20:6. Íntegro como era, Samuel não ensinaria uma coisa e depois praticaria outra diametralmente contrária. E o seu caráter? Poderia haver duplicidade num profeta de sua estatura moral e espiritual? Não, não era Samuel, o profeta, aquele personagem nebuloso que apareceu em En-Dor. E a isto alguém poderia objetar:

— Mas a Escritura não diz no verso 15: "Samuel disse ..."?

— Sim, mas isto não significa que se tratava efetivamente de Samuel. O escritor do Livro de Samuel descreve os fatos como lhe pareceram ocorrer, o que, aliás, é a maneira comum de narrar as coisas. A mesma Bíblia descreve, por exemplo, o Sol, como nascendo e se pondo, como também dizemos. Na realidade isto não se dá porque a Terra é que gira em torno do Sol. Mas é uma forma aceita de expressar o que é aparente.

Não, não era Samuel, o profeta, aquele "personagem" ...

O verdadeiro Samuel fôra sepultado em Rama, localidade distante de En-Dor (I Sam. 28:3). Não podia ter ressuscitado para aparecer nesta última localidade.

Podia Samuel, o verdadeiro, obedecer à invocação de uma mulher ímpia, condenada e proscrita por crime definido pelo próprio Deus?

Era, sim, "Samuel" — contrafação produzida por solerte espírito maligno.

Saul, o Rei Ímpio e Rejeitado

Saul já era um fracassado na vida espiritual. Não tinha mais o Espírito Santo, o Espírito de Deus, e estava nas malhas dos espíritos das trevas. Diz a Bíblia: "E o Espírito do Senhor se retirou de Saul, e o assombrava um espírito mau 'por permissão do Senhor'" (ver trad. Matos Soares). Ler I Sam. 16:14-16. Estava êste homem formalmente rejeitado por Deus. E Deus, de maneira nenhuma, quis comunicar-Se com êle. Nem por Urim, nem por profetas, nem por sonhos. DE FORMA NENHUMA. (I Sam. 28:6.)

Isto é importante. Quer dizer que a "comunicação" de En-Dor não foi de Deus. E isto, por si, liquidaria a questão.

Mas diz o relato sagrado que Saul procura então, em desespero de causa, um recurso ilícito e condenado: a necromancia, a pretensa evocação de espíritos dos mortos. E foi ao que diríamos hoje uma "sessão prática" de espiritismo. É o que lemos em I Sam. 28:7, na tradução inglesa *Revised Standard Version*: "En-

tão Saul disse aos seus servos: 'Procurai para mim uma mulher que seja médium, para que eu a visite e a consulte'. E os seus servos disseram: 'Eis que há uma médium em En-Dor'". E essa tradução não está errada, porque 'ob' em hebraico é necromante, médium, o que evoca mortos.

Saul tornou-se *crédulo* na feitiçaria, pois pela leitura dos versículos 11, 13 e 14, se evidencia que *êle nada vira*. Sòmente a mulher viu a aparição. Por ser médium, e Saul não? Ora, se Deus realmente Se quisesse comunicar com o rei fracassado, certamente lhe concederia tal mediunidade para que não pairasse nenhuma dúvida quanto a autenticidade da comunicação. Notemos a credulidade tòla de Saul. Perguntou êle: "o que vês?" . . . "como é a sua figura?" Em vez de confiar em Deus, confiava numa mulher desclassificada. Diz a Bíblia: "ENTENDENDO Saul que era Samuel . . ." (verso 14). Nada claro. Nada convincente. Nada que transpareça intervenção divina. Tudo nebuloso . . . Deus não Se manifestaria dessa forma. Deus "não é Deus de confusão, mas de paz".

Notemos que tão reprovável e indigno era o ato de Saul, que precisou mascarar-se, disfarçar-se para fazê-lo e inda na calada da noite . . . Deus é luz, e não aprova as obras infrutuosas das trevas.

E se o amigo me diz que se deve reconhecer o bom espírito pelos frutos, pelo resultado (como diz também Kardec), então lhe digo que tudo aqui foi desastrosos e maligno. O incidente, em vez de melhorar a sorte de Saul, agravou-a, distanciou-a mais de Deus, levando-o mais depressa ao suicídio. Quer ler pausadamente I Crôn. 10:13 e 14?

A Feiticeira Proscrita

Esta mulher ímpia, arredada da comunidade israelita, exercia atividade ilegal. Não que os *homens* a considerassem como tal, mas o *próprio Deus* a proibira formalmente. (Lev. 20:27; Deut. 18:11; Isa. 8:19 e 20.) E o próprio Saul, quando vivia debaixo do favor divino, expulsara da Palestina todos os evocadores de mortos. E entre êles achava-se, como elemento indesejável, esta feiticeira. Seria curial admitir que Aquêle que Se recusou a comunicar-Se com Saul, pelos meios normais e admissíveis, Se utilizasse de uma mulher ímpia, feiticeira, condenada e proscrita para revelar Sua vontade a Saul? Que se pode pensar do caráter de Deus? Notemos que tanto Saul como a feiticeira eram *rejeitados* por Deus. Podia uma pessoa rejeitada por Deus resolver a situa-

ção de outra pessoa também rejeitada por Deus? Responda quem puder.

A Aparição

A aparição, que Saul aliás não viu, mas que foi descrita pelo "senso de vidência" da mulher, era de início: "deuses que sobem da terra". A seguir, foi descrita como "um ancião envolto em sua capa". A concepção de "deuses que sobem da terra" era virtualmente pagã, dos povos vizinhos dos israelitas. Não era ensino dos profetas de Deus. Ora, Deus não iria revelar uma falsidade! Não, a aparição, ou manifestação, não provinha de Deus.

Diz-se hoje que "os espíritos *baixam* do espaço", mas na contraditória e desastrosa sessão de En-Dor, êles "subiram da terra." Interessante!

Muito pretensiosa esta aparição: pretendendo ser o íntegro profeta Samuel (e portanto um espírito superior que, segundo as idéias imortalistas correntes, deveria estar num plano superior) contenta-se em ficar num lugar inferior e lóbrego na companhia do ímpio e perdido Saul. Pois disse: "Amanhã, tu e teus filhos estareis comigo". Que acha disto amigo? Se o espírito de Samuel ainda estava no mesmo grau de erraticidade em que Saul e seus filhos estariam dali a momentos, então a encarnação de Samuel não o elevou e o deixou tão degradado como Saul!

Mas o incidente de En-Dor tem a sua pá de cal nestas palavras: "Assim morreu Saul por causa da sua transgressão, com que transgrediu contra o Senhor, por causa da palavra do Senhor, a qual não havia guardado; E TAMBÉM PORQUE BUSCOU A ADIVINHADORA PARA A CONSULTAR, E NÃO BUSCOU AO SENHOR . . ." I Crôn. 10:13 e 14.

Note-se êsse "e não buscou ao Senhor". É significativo. Quer dizer que lá, na escura sessão de En-Dor, não estava buscando ao Senhor. Estava buscando outra coisa . . .

Cantai ao Senhor

(Continuação da pág. 4)

sonância com a mensagem a ser apresentada. Erram os pregadores que apenas cuidam dos detalhes do sermão e descuidam a eleição dos hinos que complementam o culto regular.

No culto que tributamos a Deus a música ocupa um lugar proeminente. Esforcemo-nos, pois, para que a melodia de louvor, em nossas congregações, seja uma fonte de inspiração aos que participam das bênçãos do culto e uma suave oblação ao Doador de "tòda a boa dádiva e de todo o dom perfeito".

NOTÍCIAS - Da Imprensa



A Bíblia na Tela

▼ O produtor italiano de filmes Dino De Laurentis será auxiliado por peritos da Bíblia ao rodar o filme de duração de 10 horas, intitulado *A Bíblia* — uma narrativa de episódios do Velho e Nôvo Testamentos. A filmagem levará três anos para ser concluída, segundo se noticiou em Roma. As cenas internas deverão ser filmadas em Roma, e as externas em Israel. As autoridades do Vaticano expressaram a aprovação do filme épico, e sugeriram que os eruditos nas Escrituras ajudem sua confecção. Em consequência, o produtor De Laurentis anunciou a formação de uma comissão composta de protestantes, católicos e judeus, todos sumidades em Bíblia.

Islamismo na Inglaterra

▼ Uma mesquita para servir os 80.000 muçulmanos de Londres está sendo erigida nos

terrenos do Centro Cultural Islâmico daquela cidade, num custo estimado de um milhão e duzentos e cinquenta mil dólares. Devido ao crescente número de muçulmanos vindos à Grã-Bretanha procedentes da Índia e do Paquistão, planos estão sendo elaborados para a construção de mesquitas em outras grandes cidades, como Birmingham.

Instrução Bíblica na Polônia

▼ O ensino religioso foi banido de tôdas as escolas públicas de Varsóvia quando o Parlamento Polonês decretou uma lei de reforma educacional sob os protestos de deputados católicos romanos. Pela vez primeira na história da Polônia a medida prepara legalmente o terreno para a completa extinção da religião das escolas públicas. A lei estatui que às crianças polonesas se deve ensinar a “concepção científica do mundo”, tornando a doutrinação comunista e marxista uma obrigação legal.

A História do Pai Pródigo

CERTO homem tinha dois filhos; e disse o mais moço a seu pai:

— Pai, dá-me a parte que me toca do teu tempo, tua atenção, tua companhia, e teu conselho.

E êle repartiu-lhe seu viver, pagando as contas do rapaz, enviando-o a boa escola preparatória, ao colégio, e procurava crer que estava cumprindo plenamente seu dever com o moço.

Não muitos dias depois, o pai ajuntou todos os seus interesses, aspirações e ambições, e viajou para um país longínquo, visando uma linha de ações, títulos de crédito, valores, negócios e outras coisas que não interessam a um moço; e lá malbaratou sua preciosa oportunidade de ser um companheiro íntimo de seu próprio filho.

E quando gastou o melhor de sua vida, ganhou bom dinheiro mas não encontrou satisfação, irrompeu uma fome em seu coração; e começou a sentir necessidade de simpatia e de sincera companhia.

E foi juntar-se a um dos clubes daquele país, sendo eleito presidente da comissão interna e presidente do clube, sendo enviado ao Congresso, e de bom grado queria satisfazer-se com as cascas do que os outros comiam, e ninguém lhe dava uma sincera amizade.

Caindo, porém, em si disse:

— Quantos homens que conheço têm rapazes a quem conhecem, com quem se dão, que falam sobre eles a seus companheiros, e se mostram perfeitamente felizes no companheirismo com os seus filhos, e eu pereço aqui com o coração esfaimado! Levantar-me-ei, irei a meu filho e lhe direi: Filho, pequei contra o Céu e diante de ti; não sou mais digno de ser chamado teu pai; trata-me como a um dos teus conhecidos.

Levantou-se, e foi ao seu filho, mas estando ainda muito longe, seu filho o viu, ficou tomado de espanto, e, em vez de correr e lançar-se-lhe ao pescoço, voltou-lhe as costas e sentiu-se mal.

E seu pai lhe disse:

— Filho, pequei contra o Céu e diante de ti! Não sou mais digno de ser chamado teu pai. Perdoa-me agora, e deixa-me ser teu amigo.

Mas o filho respondeu:

— Não. Não é possível, é demasiado tarde. Houve tempo em que eu desejava conhecer as coisas, anelava companhia e conselho, mas o senhor sempre estava muito ocupado; obtive o conhecimento, tenho o companheirismo mas da má espécie. E agora, ai de mim, estou arruinado no corpo e na alma, e o senhor nada pode fazer por mim. É tarde demais, tarde demais, tarde demais. — *Seleto.*